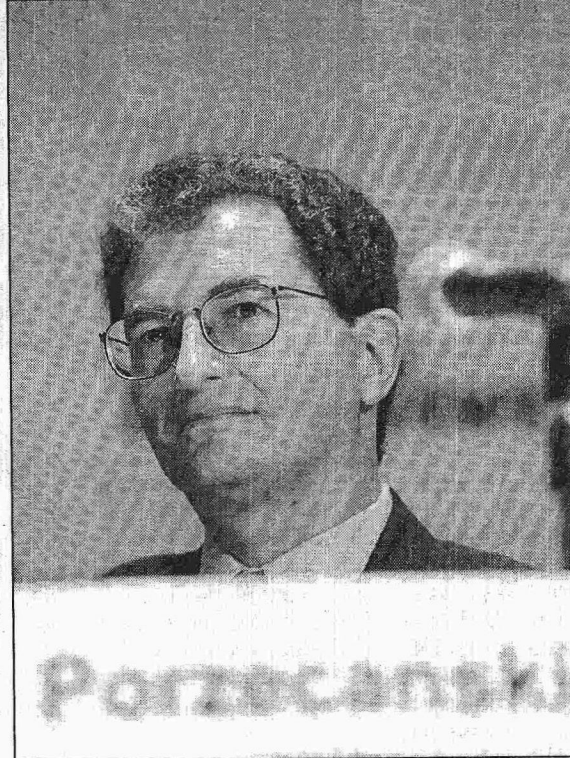




Catraio prevê redução nos custos das linhas de crédito comerciais: "Sistema bancário é diferente do mercado acionário"



Porzecanski: "Medidas não faltam, só que muitas são temporárias, foram criadas em situação de emergência, causam distorções"

Executivos do País fazem avaliação mais positiva

Técnicos prevêem novas captações e não acreditam em debandada dos bancos

CLEIDE SÁNCHEZ RODRÍGUEZ

Para muitos executivos brasileiros presentes à reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI), realizada na semana passada, houve uma melhora expressiva da percepção dos investidores internacionais em relação ao Brasil. "Acredito em mais emissões de empresas de primeira linha até o fim de novembro e na redução do custo das linhas comerciais", disse o diretor responsável pela área internacional do Unibanco, Carlos Henri-

que Catraio. A situação somente não vai ser melhor porque o volume de negócios deve cair substancialmente em dezembro, com os bancos limitando o grau de exposição para evitar eventuais riscos decorrentes do bug do milênio. Mas a partir de janeiro, a expectativa é de uma retomada expressiva dos negócios.

A derrota do governo no Supremo Tribunal Federal, sofrida na última quinta-feira, por exemplo, não vai fazer com que os bancos batam em retirada novamente, disse Catraio. "O sistema bancário é diferente do mercado acionário." Mas o clima favorável pode aumentar ou diminuir na medida que as reformas forem sendo cumpridas. Esse clima pôde ser observado também pelo diretor da área internacional do BBA Creditanstalt, Eduardo Vassimon. Nos dois últimos encontros da comunidade financeira internacional, o País ainda estava numa situação delicada. Na reunião do

FMI em outubro do ano passado, o Brasil sofria com a fuga de dólares, que provocou a queda no nível das reservas internacionais e levou o governo a mudar a política cambial.

Em março, dois meses após a liberação do câmbio, os investidores ainda resistiam, o que pôde ser notado na reunião do Banco Mundial (Bird) em Paris, de acordo com Vassimon. "Internamente já era possível ver que a situação não seria a catástrofe imaginada, mas os investidores internacionais não tinham essa percepção", disse. Por isso, o Brasil ainda era considerado a bola da vez. Posto assumido agora pelo Equador.

Catraio acredita na redução do custo das linhas comerciais. Nos próximos 30 dias, talvez seja possível fazer operações pagando em média 1% ao ano,

mais a libor (taxa interbancária do mercado londrino) para operações de 180 dias. Atualmente a taxa é de 1,5% ao ano, metade do preço pago em fevereiro e março. O ajuste, porém, não deve derrubar a taxa ao nível mais baixo da história recente do comércio exterior. Em julho de 1997, pouco antes da crise Asiática, os bancos pagavam 0,5% ao ano, mais a libor.

Vassimon afirma que até novembro, algumas emissões de eurobônus podem ser feitas no mercado internacional, in-

cluindo o da própria República. Segundo relatório da Tendências Consultoria, o nível atual sugere que as reservas líquidas estejam, em dezembro, R\$ US\$ 1,5 bilhão abaixo do piso acordado com o FMI. Ou seja, o Brasil precisará de dólares para recompô-las.

BOLA DA
VEZ PASSOU
A SER O
EQUADOR